

Ricos e pobres divergem

Washington — A reunião do comitê interno do FMI, no contexto das reuniões semi-anuais do Fundo, não serviu para outra coisa senão para mostrar as dissidências entre os países em desenvolvimento e os industriais, que lideram os assuntos monetários. Pelo menos é o que se depreende da sessão de ontem do Comitê Interino que foi presidida pelo ministro da Economia da Holanda, H.O. Ruding.

Num constante fluxo de versões e rumores os mais diversos, em consequência da reunião a "portas fechadas" do comitê, soube-se que o secretário do Tesouro norte-americano, James Baker, expôs conceitos que não coincidiram com a intervenção do ministro da Fazenda do Brasil, Dilson Funaro.

Por outro lado, o ministro da Fazenda da Argentina, Juan Sourrouille, adotou uma linha fortemente crítica com relação à estratégia seguida pelos países mais ricos para resolver o problema da dívida externa. Sourrouille estendeu suas críticas também ao papel dos organismos internacionais de crédito por sua política de empréstimos e pela redução dos investimentos nos países que mais necessitam.

O secretário do Tesouro dos Estados Unidos insistiu

na necessidade de o Brasil oferecer um plano mais preciso e claramente anti-inflacionário, enquanto o ministro Funaro ratificou os pontos de Vista do Governo brasileiro, no sentido de que os credores não devem se intrometer num assunto que é da competência da soberania nacional e que o País está em condições de pagar sem débitos, graças às projeções favoráveis de suas vendas este ano, a título de exportações.

O Brasil, Argentina e México são os titulares do comitê interino, cujo nome completo é Comitê Interino do Diretório de Governadores do FMI, e cuja existência data de 1974. Sua tarefa é a de aconselhar o diretório do Fundo Monetário Internacional sobre como enfrentar os distúrbios e perturbações que sejam observados no sistema monetário internacional, e sua composição reflete exatamente o diretório do FMI. Na bancada que corresponde ao Brasil, a Argentina e ao México são as cabeças do grupo, nas quais participam outros países latino-americanos. Assim se explica, por exemplo, que na cadeira do México se tivesse sentado hoje e apoiasse a declaração do grupo dos 24, o presidente do Banco Central da Venezuela, Germán Anzola.